

Domingo V da Quaresma - Ano C – 06 abril 2025



Viver a Palavra

A porta do Coração Misericordioso de Deus continua aberta e escancarada para nós. Deus não tem medo de mostrar como é grande a Sua misericórdia e o Seu amor, por isso, podemos cantar e aclamar com as palavras do Salmo: «*Grandes Maravilhas fez por nós o Senhor*». Este Deus surpreendente e misericordioso manifesta as maravilhas do Seu poder, pelo amor desmedido e pelo acolhimento generoso. No centro da mensagem de Jesus não está o nosso pecado e a nossa miséria, mas a infinita bondade e ternura de Deus que convertem a nossa miséria e pecado em possibilidade de vida nova. Por isso, o Evangelho de hoje é uma verdadeira escola da arte de amar e perdoar, de acolher e gerar vida.

«*Jesus sentou-Se e começou a ensinar!*». Assim aparece Jesus no Evangelho deste Domingo: rodeado pela multidão que acorre ao Templo e sentado para ensinar, não apenas com as palavras cheias de sabedoria e autoridade que saíam da Sua boca, mas com a força do perdão e da misericórdia que levanta os que estão caídos e que faz cair das nossas mãos as pedras do julgamento apressado que ignora a própria fragilidade.

No centro da Liturgia da Palavra deste Domingo está a misericórdia e o perdão que abrem a porta da esperança quando tudo parece perdido. «*Olhai: vou realizar uma coisa nova, que já começa a aparecer; não a vedes?*». Na verdade, muitas vezes o nosso coração parece estar longe desta oferta de vida nova que brota da mensagem evangélica. Como os escribas e fariseus, que trazem uma mulher surpreendida em adultério e arrastada como um objeto que servirá para colocar à prova Jesus, também nós, tantas vezes, vivemos de dedo em riste, prontos a apontar os erros alheios, mas cheios de boas razões quando cometemos os mesmos erros. Por isso, precisamos de nos deixar moldar pela ternura e pela bondade dos gestos e palavras de Jesus para que saibamos encontrar na nossa fragilidade um convite à conversão, fazendo das pedras do nosso caminho, não um obstáculo onde tropeçamos e caímos, mas uma oportunidade de crescimento.

O enigmático gesto de Jesus, que por duas vezes se inclina, escreve com o dedo no chão, se endireita e fala, evoca a dupla descida e subida de Moisés no Monte Sinai para receber as tábuas da Lei «*escritas pelo dedo de Deus*» (Ex 31,18). A Lei é sinal da misericórdia de Deus e da Sua graça. De modo particular, este gesto simbólico de se inclinar e de se erguer de Jesus, representa o baixar e o elevar de Cristo sobre a Cruz, verdadeira síntese de toda a história da salvação e hermenêutica qualificada do querer de Deus misericordioso e compassivo. O Mestre inclina-se para partilhar a nossa miséria, para imprimir na terra o sinal da sua presença salvadora, para inscrever um futuro no coração da mulher e lhe abrir a porta da esperança.

Como recordou o Papa Francisco nas suas catequeses sobre a misericórdia: «*não há santo sem passado, nem pecador sem futuro*». Não há caminhos sem saída para quem se sabe amado por Deus, pois «*o Senhor abriu outrora caminhos através do mar, veredas por entre as torrentes das águas*». Em Jesus Cristo, Deus realiza em plenitude esta oferta de vida nova e faz-nos passar pelas águas do batismo, torrente de graça, para que possamos percorrer com entusiasmo a estrada da santidade.

Na primeira parte do “Livro da Consolação” (Is 40-48), o profeta anuncia a iminência da libertação e compara a libertação da Babilónia – que ele perspectiva para breve – com o Êxodo do Egipto. É neste contexto que deve ser enquadrada a primeira leitura deste quinto domingo da Quaresma: é um oráculo de salvação, no qual Javé, pela voz do Deutero-Isaías, anuncia a ruína da Babilónia e a iminência de um “novo Êxodo” para o povo de Deus. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Israel colocou na base do edifício da sua fé um encontro decisivo com o Deus que libertou da escravidão no Egipto. Essa experiência primordial ofereceu aos catequistas de Israel um paradigma para ler e entender as futuras ações de Deus em favor do seu povo: o Deus que salvou os escravos hebreus da opressão do faraó, é o Deus que não se conforma com qualquer escravidão que roube a vida e a dignidade dos seus filhos e que agirá sempre para os libertar do sofrimento e da morte. Toda a fé de Israel está firmemente ancorada nesta certeza. Hoje, ao escutar o texto do Deutero-Isaías que a primeira leitura nos apresenta, somos convidados a acolher este “dogma” fundamental na experiência de fé do povo de Deus. Também para nós, no séc. XXI, o mesmo Deus libertador quer salvar-nos de tudo aquilo que nos escraviza e nos impede de viver com dignidade. Nesse processo libertador, há coisas que Deus fará, e há coisas que teremos de ser nós a fazer, com a ajuda de Deus. Quais são, na nossa experiência de todos os dias, as “escravidões” que nos amarram e que nos impedem de construir uma vida com sentido? O que podemos fazer, da nossa parte, para derrotarmos os mecanismos de escravidão e de morte que nos atingem e que atingem tantos dos nossos irmãos?
- “Não vos lembreis mais dos acontecimentos passados, não presteis atenção às coisas antigas” – pede Deus ao seu povo através do Deutero-Isaías. Trata-se de uma boa sugestão. Determo-nos nostalgicamente a contemplar o passado, pode contribuir para nos alhearmos da realidade presente e para limitarmos a nossa capacidade de construir um “hoje” com sentido. Ficar a olhar o passado pode significar estagnação, conformismo, acomodação, instalação, fechamento ao mundo; e nada disso é construtivo. Quando ficamos presos ao que já lá vai, num saudosismo que paralisa, acabamos por passar ao lado dos desafios sempre novos de Deus e dos dons que, em cada novo dia, Deus nos destina. Deixamo-nos levar pela tentação do passado, decidindo que “antigamente é que era bom” e que “agora está tudo pior”, ou estamos disponíveis para olhar em frente e para acolher, no nosso tempo, os dons de Deus?
- “Vou abrir um caminho no deserto, fazer brotar rios na terra árida” – diz Deus ao seu povo. Podemos ver o “caminho quaresmal” como esse caminho novo que Deus se propõe abrir para nós e que nos leva ao encontro de uma existência vivida de forma mais livre, mais feliz, mais realizada. Estamos sinceramente dispostos a enveredar por esse caminho? Haverá alguma coisa – ideias, comportamentos, atitudes, formas de ver o mundo, maneiras de nos relacionarmos com os nossos irmãos – que nos propomos abandonar, a fim de caminharmos mais livres e mais desimpedidos em direção a essa vida nova que Deus se propõe oferecer-nos? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 125 (126)

Refrão 1: Grandes maravilhas fez por nós o Senhor.

Refrão 2: O Senhor fez maravilhas em favor do seu povo.

**Quando o Senhor fez regressar os cativos de Sião,
parecia-nos viver um sonho.**

**Da nossa boca brotavam expressões de alegria
e de nossos lábios cânticos de júbilo.**

Diziam então os pagãos:

«O Senhor fez por eles grandes coisas».

**Sim, grandes coisas fez por nós o Senhor,
estamos exultantes de alegria.**

**Fazei regressar, Senhor, os nossos cativos,
como as torrentes do deserto.**

**Os que semeiam em lágrimas
recolhem com alegria.**

**À ida, vão a chorar,
levando as sementes;**

**à volta, vêm a cantar,
trazendo os molhos de espigas.**

LEITURA II – Filipenses 3,8-14

Irmãos:

Considero todas as coisas como prejuízo,
comparando-as com o bem supremo,
que é conhecer Jesus Cristo, meu Senhor.
Por Ele renunciei a todas as coisas
e considere tudo como lixo,
para ganhar a Cristo
e n'Ele me encontrar,
não com a minha justiça que vem da Lei,
mas com a que se recebe pela fé em Cristo,
a justiça que vem de Deus e se funda na fé.
Assim poderei conhecer Cristo,
o poder da sua ressurreição
e a participação nos seus sofrimentos,
configurando-me à sua morte,
para ver se posso chegar à ressurreição dos mortos.
Não que eu tenha já chegado à meta,
ou já tenha atingido a perfeição.
Mas continuo a correr, para ver se a alcanço,
uma vez que também fui alcançado por Cristo Jesus.
Não penso, irmãos, que já o tenha conseguido.
Só penso numa coisa:
esquecendo o que fica para trás,
lançar-me para a frente, continuar a correr para a meta,
em vista do prêmio a que Deus, lá do alto,
me chama em Cristo Jesus.

CONTEXTO

A cidade de Filipos, situada na Macedónia oriental, era uma cidade próspera, com uma população constituída maioritariamente por veteranos romanos do exército. Organizada à maneira de Roma, estava fora da jurisdição dos governantes das províncias locais e dependia diretamente do imperador. Gozava dos mesmos privilégios das cidades de Itália e os seus habitantes tinham cidadania romana. Paulo chegou a Filipos pelo ano 49 ou 50, no decurso da sua segunda viagem missionária, acompanhado de Silvano, Timóteo e Lucas (cf. At 16,1-40). Da sua pregação nasceu a primeira comunidade cristã em solo europeu.

A comunidade cristã de Filipos era uma comunidade entusiasta, generosa, comprometida, sempre atenta às necessidades de Paulo e do resto da Igreja (como no caso da coleta em favor da Igreja de Jerusalém – cf. 2Cor 8,1-5). Paulo nutria pelos cristãos de Filipos um afeto especial; e os filipenses, por seu turno, tinham Paulo em grande apreço. Apesar de tudo, a comunidade cristã de Filipos não era perfeita: os altivos patrícios romanos de Filipos tinham alguma dificuldade em assumir certos valores como o desprendimento, a humildade e a simplicidade.

Paulo escreve aos Filipenses numa altura em que estava na prisão (não sabemos se em Cesareia, em Roma, ou em Éfeso). Os filipenses tinham-lhe enviado, por um membro da comunidade chamado Epafrodito, uma certa quantia em dinheiro, a fim de que Paulo pudesse prover às suas necessidades. Na carta, Paulo agradece a preocupação dos filipenses com a sua pessoa (cf. Flp 4,10-20), exorta-os a manterem-se fiéis ao Evangelho de Jesus e a incarnarem os valores que marcaram a vida de Cristo (cf. Flp 2,5). A carta apresenta, também, uma parte “polémica” (cf. Flp 3,1b-4,1.8-9), na qual Paulo avisa os filipenses contra os “cães”, os “maus trabalhadores” (Flp 3,2) que, em Filipos como em todo o lado, semeiam a dúvida e a confusão na comunidade. Quem são estes? São os chamados “judaizantes”, isto é, os pregadores cristãos de origem judaica que proclamavam a obrigatoriedade da circuncisão e da obediência à Lei de Moisés.

O texto que nos é proposto insere-se nesse discurso de polémica contra os adversários “judaizantes”. Nele, Paulo pede aos Filipenses que não se deixem enganar por esses falsos pregadores, que se apresentam com títulos de glória, mas que parecem esquecer que só Cristo é importante. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Neste texto da Carta aos Filipenses – como em tantos outros textos paulinos – está em evidência uma realidade que nos ajuda a entender as apostas de Paulo de Tarso: Cristo ocupa um lugar central na vida do apóstolo. Quando Paulo encontrou Cristo, na estrada de Damasco, tudo o que até então tinha desempenhado um lugar importante na sua vida ficou para trás. Cristo tomou conta da vida de Paulo de forma irreversível. Paulo, a partir desse encontro fundamental, passou a considerar todas

as coisas um “prejuízo” quando comparadas com Cristo. Nós que, no dia do nosso batismo, nos encontramos com Cristo e que temos, desde então, feito um longo caminho com Cristo, poderemos dizer o mesmo? Que lugar ocupa Cristo na nossa vida? O “conhecimento” de Cristo, a identificação com Cristo, a comunhão com Cristo, o seguimento de Cristo são a nossa prioridade? Cristo sobrepõe-se a todos os outros valores e propostas que a cada instante entram no caminho da nossa vida e viajam connosco?

- Paulo refere-se a algumas das coisas a que chegou a dar importância, antes de se encontrar com Cristo, como “lixo”, “esterco”. A palavra usada por Paulo sugere o desprezo que ele sente por valores que, além de fúteis, podem mesmo constituir um obstáculo no caminho que Deus nos chama a fazer. O tempo da Quaresma é um tempo oportuno para identificarmos e para, eventualmente, nos livrarmos do “lixo” que vamos acumulando na nossa vida e que dificulta a nossa identificação com Cristo. Quais são os “lixos” que andamos a acumular e que nos impedem de caminhar livremente ao encontro de Cristo? Estamos dispostos, neste tempo quaresmal, a fazer uma limpeza da nossa vida e a prescindir daquilo que nos aprisiona e nos impede de correr para a meta, ao encontro da vida definitiva?
- Paulo lembra aos cristãos de Filipos – e a nós também – que a vida cristã é uma corrida que não acaba enquanto não chegarmos à meta. Paulo sabia que, em determinados momentos do caminho, somos tentados pela acomodação, pelo conformismo, pela instalação, pela preguiça, pela convicção de que já fizemos tudo o que era necessário fazer. Por isso, Paulo deixa o aviso: enquanto caminhamos nesta terra nada está concluído, há sempre caminho a percorrer. A nossa identificação com Cristo é um desafio constante, uma aposta que temos de renovar em cada passo do caminho. Como é que encaramos a nossa caminhada ao encontro de Cristo? Como uma meta já alcançada, que nos permite, a carta altura, viver de rendimentos, ou como uma corrida nunca terminada, que exige a cada passo a renovação do nosso empenho e do nosso compromisso? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – João 8,1-11

Naquele tempo,

Jesus foi para o Monte das Oliveiras.

Mas de manhã cedo, apareceu outra vez no templo,

e todo o povo se aproximou d’Ele.

Então sentou-Se e começou a ensinar.

Os escribas e os fariseus apresentaram a Jesus

uma mulher surpreendida em adultério,

colocaram-na no meio dos presentes e disseram a Jesus:

«Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério.

Na Lei, Moisés mandou-nos apedrejar tais mulheres.

Tu que dizes?».

Falavam assim para Lhe armarem uma cilada

e terem pretexto para O acusar.

Mas Jesus inclinou-Se

e começou a escrever com o dedo no chão.

Como persistiam em interrogá-l’O,

ergueu-Se e disse-lhes:

«Quem de entre vós estiver sem pecado

atire a primeira pedra».

Inclinou-Se novamente e continuou a escrever no chão.

Eles, porém, quando ouviram tais palavras,

foram saindo um após outro, a começar pelos mais velhos,

e ficou só Jesus e a mulher, que estava no meio.

Jesus ergueu-Se e disse-lhe:

«Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?».

Ela respondeu:

«Ninguém, Senhor».

Disse então Jesus:

«Nem Eu te condeno.

Vai e não tornes a pecar».

CONTEXTO

O relato da mulher apanhada a cometer adultério não pertencia, inicialmente, ao Evangelho de João. Terá sido um relato introduzido tardiamente no Quarto Evangelho, pois não aparece nos manuscritos anteriores ao

ano 300. É ignorado pelos Padres da Igreja até ao séc. IV. Depois disso, a sua canonicidade é defendida por Santo Agostinho, Santo Ambrósio e São Jerónimo que, no entanto, o colocam noutra lugar (depois de Jo 7,36). Aliás, o texto não possui as características do estilo joânico (linguagem, género literário) e a sua temática não encaixa nas preocupações teológicas do autor do Quarto Evangelho. Alguns manuscritos antigos colocam-no no Evangelho de Lucas (após Lc 21,38), que seria um lugar mais lógico para enquadrar o relato, dado o interesse de Lucas em sublinhar a misericórdia de Jesus para com os pecadores e proscritos.

Não se sabe quem recolheu este relato nem por que portas ele veio ter ao Evangelho segundo João. Alguns viram no ostracismo a que ele foi votado durante algum tempo a dificuldade da Igreja primitiva em aceitar uma história escandalosa, numa altura em que o adultério era considerado totalmente incompatível com a condição dos batizados, levando inclusive à exclusão da comunidade cristã. Contudo, o facto de o texto, depois de algum tempo, se ter imposto e aparecer num dos evangelhos é considerado a confirmação da sua autenticidade: não foi possível silenciar um episódio que se baseava numa tradição consistente. Seja como for, a Igreja acabou por aceitar este relato como um texto inspirado e por o incluir no tesouro da Palavra de Deus. A cena que vai ser descrita situa-nos no Templo de Jerusalém. Jesus tinha pernoitado no Monte das Oliveiras; mas, pela manhã, dirigira-se de novo para o Templo, onde costumava ensinar todos aqueles que iam ao seu encontro. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- O episódio da mulher apanhada em adultério, trazida até Jesus pelos escribas e doutores da Lei, oferece-nos um muito belo retrato de Deus e da forma como Deus encara a fragilidade dos seus filhos e filhas. Garante-nos que o Deus que Jesus nos veio revelar funciona numa lógica de misericórdia e não numa lógica de estrita retribuição; diz-nos que a força de Deus não está na condenação e no castigo, mas sim no amor e no perdão; assegura que o nosso Deus não quer a morte daquele que errou, mas sim a libertação plena de cada um dos seus filhos; confirma que o coração de Deus é um coração de pai ou de mãe, sempre cheio de amor pelos seus queridos filhos. Sempre que lhe apresentamos as nossas misérias e as nossas decisões estúpidas, Ele diz-nos: “Eu não te condeno”; sempre que caímos uma e outra e outra vez nos mesmos erros, Ele diz-nos: “Eu não te condeno”; sempre que nos apresentamos diante d’Ele decepcionados com a forma como conduzimos a nossa vida, Ele consola-nos e garante-nos: “Eu não te condeno”; sempre que nos sentimos malvistos, incompreendidos, marginalizados, Ele diz-nos: “Eu não te condeno”. Neste tempo quaresmal, quando somos convidados a olhar para as nossas fragilidades mil vezes repetidas, é consolador ouvirmos de Deus este “Eu não te condeno”; dá-nos vontade de superarmos as nossas limitações e de abraçarmos, com decisão, um caminho novo, uma vida nova. O que achamos de tudo isto? Sentimos que as nossas fragilidades e limitações não são decisivas face ao amor imenso que Deus nos dedica? Isso é para nós fonte de consolação, de alegria e de esperança?
- Aqueles escribas e fariseus que trazem a Jesus a mulher apanhada em adultério são os polícias da moral e dos bons costumes, sempre dispostos a anotar e a condenar os erros e as falhas dos outros. Os seus corações são comandados pelo legalismo e não pela misericórdia. Habita-os a hipocrisia: conseguem descobrir tudo o que se passa de errado na vida dos outros, mas não se detêm um instante a olhar para os seus próprios telhados de vidro. São “figuras” que encontramos a cada passo no nosso mundo e até mesmo nas nossas comunidades cristãs. Condenam os “diferentes” em julgamentos sumários, carregam os outros com pesos insuportáveis de culpas reais ou imaginárias, tratam com arrogância os mais humildes e frágeis, colocam rótulos desprovidos de caridade nas pessoas que os rodeiam, oferecem ao mundo a imagem de um Deus intransigente e mau, fazem com que muitos homens e mulheres de boa vontade não tenham qualquer vontade de conhecer Deus e as suas propostas. Conhecemos gente assim? Teremos porventura nós também alguns destes “tiques”? Necessitaremos de mudar alguma coisa, na nossa forma de ver os nossos irmãos e as suas fragilidades, para não nos identificarmos com esses “escribas e fariseus”?
- Jesus não se limitou a dizer à mulher que não a condenava, mas, com respeito e delicadeza, colocou-a na rota de uma vida nova: “vai e não tornes a pecar”. Depois de a libertar do peso da culpa, convidou-a a libertar-se das opções que escravizam e conduzem a situações sem saída. A “estratégia” de Jesus corresponde ao projeto de Deus para os seres humanos. Deus não se limita a não condenar ou a perdoar, mas quer que os seus filhos caminhem em direção à vida nova, a uma vida com sentido, livre e plenamente realizada. É precisamente esse o caminho que somos chamados a percorrer durante o tempo quaresmal. De que é que precisamos de nos libertar para chegarmos a uma vida renovada, a um caminho de liberdade e de plena realização?
- O perdão é um dos sinais do Reino de Deus. Jesus pediu repetidamente aos seus discípulos que vivessem as suas vidas ao ritmo do perdão. O que é perdoar? É esquecer ingenuamente as injustiças passadas? Não. Perdoar é recordar o mal que nos fizeram e, apesar disso, adotar uma atitude não discriminatória nem vingativa contra aquele que fez o mal; é ter presente o que nos feriu

e, apesar disso, inverter a lógica de violência e de agressividade para começar uma história nova, criadora de um futuro diferente com a pessoa que nos magoou. Quem perdoa, evidentemente, corre riscos; mas, ao perdoar, estamos a evitar o maior de todos os riscos: o de nos fecharmos a qualquer futuro e de deixarmos que o ódio envenene as nossas vidas. Como lidamos com a exigência do perdão? Estamos de acordo que o perdão nos abre as portas de uma vida mais produtiva, mais humana e mais feliz?

- A magnanimidade de Deus para com as pessoas que falham não será uma atitude pouco pedagógica? Não favorecerá a banalização do pecado? Para Deus será tudo igual, no que concerne às escolhas dos seus filhos, uma vez que o seu amor é incondicional? É necessário que entendamos isto: as nossas escolhas erradas atingem-nos a nós próprios, limitam os nossos próprios horizontes, fazem-nos falhar o sentido da nossa existência, impedem-nos de ser livres. Deus não fica feliz se nos vir escolher caminhos de egoísmo e de autossuficiência, pois sabe que isso nos levará até à frustração e ao fracasso. Mas o pecado não magoa Deus; magoa-nos a nós próprios. Temos consciência disso?
- Na história da mulher apanhada em adultério, a acusação dos escribas e fariseus recai apenas na mulher; ninguém pergunta a Jesus se o homem que com ela estava deve ser morto, segundo a Lei de Moisés. O quadro expõe a hipocrisia de uma sociedade que castigava a mulher, mas não usava a mesma medida para com as falhas do homem. Trata-se de uma sociedade que discrimina a mulher face ao homem. Jesus, ao defender a mulher acossada por aquele grupo de homens, introduz verdade e justiça naquele quadro desequilibrado e injusto. Embora hoje o ordenamento jurídico e a legislação penal já tenham em conta a igualdade fundamental entre o homem e a mulher, ainda subsistem, na nossa vida de todos os dias, práticas e hábitos discriminatórios que atentam contra a dignidade das mulheres, que humilham as mulheres e as fazem sofrer. Não deveríamos estar mais atentos a isto, inclusive nas comunidades cristãs? Não deveríamos, como Jesus, estar mais perto de todas as mulheres injustiçadas, oprimidas, discriminadas, ofendidas na sua dignidade, tratadas como objetos, para lhes proporcionarmos defesa inteligente e proteção eficaz? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura**, depois de uma introdução acerca da acção libertadora de Deus, apresenta a palavra de Deus dirigida ao povo. A proclamação desta leitura deve ter em atenção esta estrutura, cuidando da introdução ao discurso direto – «*Eis o que diz o Senhor*». Nas palavras dirigidas por Deus deve haver um especial cuidado com algumas pequenas expressões que ajudarão a sublinhar a força deste texto: a forma imperativa – «*Olhai*» – e a frase interrogativa – «*não a vedes?*».

A **segunda leitura**, como é habitual nos textos de S. Paulo, apresenta frases longas com diversas orações, pelo que se deve cuidar as pausas e respirações para que não se perca o sentido do texto.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)

+++++

Quaresma: Caminhada para a Páscoa

TEMPO DE CONVERSÃO

Foi-te dito:

Rodeia-te de triunfadores.
Para que tua vida seja um êxito
serve-te de todos.

Retém em tua memória
o nome do rico,
e anota o telefone
do rosto feminino
que sorri no concurso.

Forra as paredes de tua casa
com assinaturas de pintores
de prestígio e de dinheiro.

Enche tua boca
com os nomes
que ocupam o cenário
da glória escorregadia.

Faz-te vizinho, compadre,
do seu clube e seu partido.
que todas estas famas
te emprestem o seu prestígio.

Mas a Palavra diz:

Senta à tua mesa
os que não podem
convidar-te a sua casa
arrastada pelo rio,
e empresta sem enrugar a cara
ao que não pode devolver-te
o teu dinheiro no prazo estipulado
porque as horas extras
se perderam no computador
da zona franca.

Haverão encontrado em ti
a resposta de Deus
à sua angústia quotidiana.
e tu sentirás atravessar
algo de Deus a passar
pelo centro de ti mesmo
para chegar até ao irmão.

Ao romper,
com este gesto de gratuita proximidade,
as leis e as cátedras do investimento bem calculado,
um manancial de eternidade
te chegará entre tuas pedras,
e fará de ti um servidor de todos,
cheio de graça e de sabor.

Benjamin González Buelta
in 'Salmos para sentir e saborear as coisas internamente'